

Mulheres médicas: combates e conquistas. Um estudo de caso.

ISMÊNIA DE LIMA MARTINS

RESUMO

Informado pela problemática da atuação feminina em profissões socialmente atribuídas aos homens, o texto reconstrói a experiência pioneira das mulheres médicas através da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. A história da instituição centenária pôde ser recuperada por ter sido preservado o acervo documental desde sua fundação. Tal situação não apenas permitiu a construção de dados e tabelas que descortinaram a presença da mulher desde os primórdios, mas também revelou como forçaram sua entrada no curso, como alunas e posteriormente docentes, assim como no exercício da profissão. Discutem-se, ainda, as relações de poder entre gênero, analisando a resistência das mulheres em participarem da administração institucional e as dificuldades para atingirem o topo da carreira como professoras titulares.

Palavras-chave: Mulheres na Medicina; Faculdade de Medicina de Belo Horizonte; Gênero

ABSTRACT

Informed by the issue of women's role in professions socially attributed to men, the text reconstructs the experience of pioneer medical women through the Faculty of Medicine of Belo Horizonte. It was possible recovering the history of the century-old institution because the document collection since its foundation was preserved. This situation not only allowed the construction of data and tables that revealed the presence of women since the beginning, but also showed how they forced their way into the course, as students and later as teachers, as well as in the profession. We discuss also the power relationships between gender, analyzing women's resistance to participate in institutional management and their difficulties in reaching the top of the career as full professors.

Keywords: Women in Medicine; Faculty of Medicine of Belo Horizonte; Gender

INTRODUÇÃO

O presente estudo originou-se de uma pesquisa sobre a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, realizada na conjuntura das comemorações do centenário da Instituição, transcorridas em 2011 e 2012.

A história da cidade de Belo Horizonte destaca sua condição de primeira cidade brasileira moderna e planejada no final do século XIX, aprovada pelo Decreto nº 817, de 15 de abril de 1895. O projeto, elaborado pelo engenheiro Aarão Reis entre 1894 e 1897, mostra que desde sua concepção fundia as tradições urbanísticas americanas e europeias daquele período. A cidade surgia como tentativa de síntese dessas duas realidades urbanas, objetivo que persistiria ao longo do século XX.

Por outro lado, o processo de construção de uma cidade moderna e planejada vinha ao encontro do advento da República do Brasil (1890) e da condição jurídica de cidadania, a qual abria um espaço maior à atuação de todos. No entanto, tal prática seria conquistada lentamente, uma vez que a sociedade era predominantemente rural e oligárquica, mantendo-se o poder nas mãos dos chefes das famílias tradicionais.

Diferentes análises do movimento demográfico da cidade caracterizam que entre 1897 e 1920 a população de Belo Horizonte cresceu aceleradamente, passando de 12 mil para 55 mil habitantes em 23 anos. Este ritmo de crescimento só se explica associando-se o poder de atração gerado pela nova capital aos movimentos migratórios internos e à imigração estrangeira, particularmente importante neste caso, já que o período corresponde à conjuntura da Grande Imigração.

A crescente demanda por equipamentos sociais próprios à urbanização contemporânea, e que ocorreu em Belo Horizonte, iria possibilitar a abertura desse poder familiar tradicional, já que a expansão do mercado interno pressionava pelo aumento de um número crescente de mão de obra, rompendo a barreira do exclusivismo dos homens.

É nesse contexto que vamos encontrar as primeiras mulheres que procuraram sair dos limites impostos pela tradição e a reprodução familiar. Filhas da elite e mulheres dos setores médios urbanos, através das atividades liberais, iriam inscrever sua presença no espaço público, até então ocupado somente por mulheres trabalhadoras das classes pobres.

Decididamente, no Brasil a partir da primeira década do século XX, as mulheres empenharam-se na luta cotidiana por uma vida melhor, ousando contestar, ampliar e romper limites impostos pela tradição social, ainda fortemente pautada em um discurso de divisão de papéis, onde a casa era naturalmente o espaço reservado às mulheres.

São novas figuras femininas, desejosas de uma educação libertadora que lhes permitiria, além do magistério, ocupar outras profissões mais atraentes e competitivas no mercado. Mulheres de diferentes segmentos sociais ávidas por conhecer e viver novos caminhos da vida social, política e cultural da cidade. Muitas teriam que desafiar

os limites das tradições locais, assim como algumas se empenhariam em construir outros destinos, algumas vezes solitários para elas e para as futuras gerações de mulheres.

A FACULDADE DE MEDICINA DE BELO HORIZONTE

A história da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais relata que a instituição foi criada graças à articulação de 12 médicos locais, que, em 1910, teriam formado uma embrionária associação médico-cirúrgica, com a qual puderam alavancar as forças necessárias à construção de um caminho mineiro para a formação médica¹.

Em 30 de julho de 1911, foi lançada a pedra fundamental para a construção de sua sede própria e foi seu paraninfo o professor Miguel de Oliveira Couto (1865-1934), catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e membro da Academia Nacional de Medicina.² Certamente esta aproximação com a Escola Médica do Rio de Janeiro contribuiu para que seus estatutos tomassem como base o ensino teórico e prático das matérias ministradas na instituição do Rio de Janeiro³. A nova faculdade, porém, ainda acrescentou “aos cursos de ciências médicas e cirúrgicas os de farmácia, odontologia e obstetrícia.”⁴

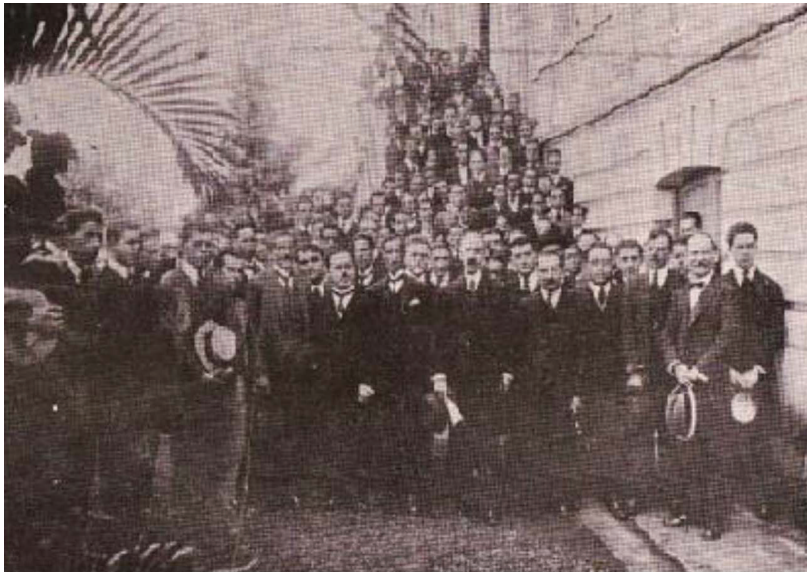
A nova instituição tornou-se logo referência de progresso e excelência em Belo Horizonte, transformando-se em parada obrigatória dos visitantes ilustres. A foto abaixo é um eloquente testemunho da dimensão ritual atribuída a essas visitas que subvertiam as rotinas cotidianas da Faculdade. No caso específico desta imagem, o seu exame revela muito mais, tornando-se uma demonstração cabal de como era masculino o mundo da Faculdade de Medicina e conseqüentemente reafirmando a constatação do poder dos homens no espaço público.

¹ AMILCAR, João. Histórico do CEMEMOR, site: WWW.medicina.ufmg.br, seção material didático.

² Dicionário histórico-biográfico das ciências da saúde do Brasil (1832-1930), histórico, estrutura e funcionamento, publicações oficiais, fonte e ficha técnica: www.dichihistoriasaude.coc.fiocruz.br.

³ A reforma de 1911, assinada pelo presidente Hermes da Fonseca e referendada pelo ministro Rivadávia, introduzia estudos nos moldes alemães, de forma heterodoxa, inclusive com a introdução de novas disciplinas. À categoria dos lentes acrescentam-se a dos professores ordinários e os extraordinários, os chamados livre docentes. Consagra-se a autonomia didática, prevê-se a reforma administrativa e institui-se a caderneta de frequência para os estudantes.

⁴ As matérias lecionadas no curso do RJ. Magalhães, Fernando. O Centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1832-1932, Rio de Janeiro, Typ. A. P. Barthel, 1932, p.162). Ver também Regimento Interno da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, julho de 1924, art. 2º. Inciso “ d”, curso de obstetrícia, p. 153.



Visita do *embaixador da cultura portuguesa*, dr. Júlio Dantas, ao centro da foto com exemplar do periódico “Radium” na mão, s/d⁵

Apesar disso, a Escola Médica Mineira, copiando o modelo do Rio de Janeiro, possibilitava a entrada das mulheres na medicina desde a sua fundação. No entanto, além de vencer as barreiras familiares e sociais, deveriam submeter-se ao temido exame de admissão em que enfrentavam não apenas as dificuldades de conteúdo, mas também as resistências dos professores examinadores, todos do sexo masculino.

AS PRIMEIRAS MULHERES MÉDICAS NO BRASIL

Antes de Minas Gerais ter sua primeira médica graduada, algumas mulheres já eram diplomadas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a da Bahia. Para estas escolas acorreram jovens de várias partes do país, e é interessante observar que a primeira médica formada no Brasil, chamada Rita Lobato, não era da capital, e sim gaúcha, natural da cidade de Rio Grande. Oriundas da mesma província eram Ermelinda Lopes de Vasconcelos, de Porto Alegre, e Antonieta Cesar Dias, de Pelotas. Matriculadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a primeira transferiu-se para a Bahia, onde se graduou em 1887. As outras concluíram seus cursos na mesma faculdade onde iniciaram sua formação, em 1888 e 1889.

Estes casos revelam, na certa, especificidades da sociedade gaúcha, uma vez que apenas com apoio familiar as jovens teriam recursos para enfrentar as necessidades materiais para frequentar o curso de medicina no Rio de Janeiro. Entretanto, a legalidade formal da

⁵ A foto, apesar de sem data, refere-se a evento ocorrido durante os primeiros tempos da Faculdade de Medicina. No entanto, não aos primeiros anos, pois, segundo o texto do periódico em que foi publicada, o dr. Júlio Dantas teria recebido um memorial em homenagem ao primeiro diretor, dr. Cícero Ferreira, já falecido. Considerando que Alzira Reis refere-se a este diretor em 1914, ano de sua transferência para a Faculdade de Medicina, é lógico que a foto em questão seja posterior àquele ano.

matrícula de mulheres nos cursos médicos em nada alterou o panorama social, sendo lento o movimento de aceitação de mulheres médicas. Exemplo das resistências foi a crônica do historiador Silvio Romero publicada sob o título de “Machona”, que continha a seguinte afirmação: “*Esteja certo a doutora que os seus pés de machona não pisarão o meu lar*”⁶, numa alusão à Dra. Ermelinda Vasconcelos, uma das pioneiras acima citadas, que se dedicou à Obstetrícia e chegou a ter uma grande clínica no Rio de Janeiro.

Da mesma forma, foi lento o crescimento quantitativo de mulheres, tanto nas escolas, como no exercício da medicina. Mas os esforços pioneiros contribuíram, na certa, com as conquistas futuras relativas à inserção das mulheres nesta profissão, o que ocorreu, sobretudo, a partir de 1950.

Yvonne Knibiehler e Catherine Fouquet⁷ assinalam que, na Europa, socialmente “o dever de família” — papel tradicional atribuído às mulheres — era invocado para dissuadi-las de estudar medicina. Muitas que realizaram estes estudos preferiram ficar solteiras, já que o “dever conjugal” era constantemente invocado para pressioná-las a mudar de profissão.

No caso das mulheres viúvas, tudo indica que pleitearam o direito de fazer o curso, principalmente na França, alegando que essa seria uma forma digna de sobrevivência. Pode-se pensar, seriamente, neste modelo interpretativo também para o caso brasileiro. Exemplo significativo é a famosa parteira Madame Durocher, que conheceu grande sucesso profissional e ingressou na Academia de Medicina.

A transição da mulher “dona de casa” para o espaço público da profissão médica se engloba no conjunto das lutas das mulheres que em diferentes épocas desejaram outro destino para suas vidas. Segundo Michelle Perrot

o lugar da mulher no espaço público sempre foi problemático, pelo menos no mundo ocidental, onde desde a Grécia antiga se pensa mais energicamente a cidadania e se constrói a política como o coração da decisão e do poder. Uma mulher em público está sempre deslocada⁸.

No caso de Minas Gerais, a historiadora Rita Marques aponta estratégias dos médicos de senhoras em ocupar a atenção da saúde da mulher. Amparando-se principalmente em



⁶ Rezende, Jofre M. de. O Machismo na história da Medicina, in : A Sombra do Plátano : Crônicas da História da Medicina, São Paulo, Ed. UNIFESP, 2009

⁷ Knibiehler, Yvonne e Fouquet, Catherine. La femme et les Medecins. Paris, Hachette, 1983. p. 193-200

⁸ Perrot, Michelle. Mulheres Públicas, São Paulo, Ed. UNESP, 1998. p. 8.

cartas, do início do século XX até a década de 1930, a autora assinala algumas delas, como por exemplo a relação entre os homens nas definições dos cuidados necessários à mulher. As correspondências de um dos mais prestigiados “médicos de senhoras” da cidade, o doutor Hugo Werneck, mostram que eram os maridos e pais que se dirigiam ao médico quando o assunto eram os “males” das mulheres⁹.

Se bem é certo, como afirma a mesma autora, que “a intermediação de pais e maridos demonstrava que, em relação às mulheres, a medicina teria um longo caminho pela frente”, também evidenciava que até 1930 havia uma atmosfera social que não as estimulava a ingressar na faculdade de medicina em Minas Gerais.

Estudos histórico-sociais apontam pistas dessa natureza no passado para explicar que havia uma demanda, para além dos discursos discriminatórios. Algumas dessas reivindicações faziam relação clara à necessidade de um profissional que viesse apoiar a medicina, na atenção das doenças das mulheres e das crianças. Outros, à necessidade de apoiar as mulheres trabalhadoras na atenção dos serviços sociais, uma espécie de demanda do Estado, para a construção de uma medicina social¹⁰.

Tais constatações, porém, não aludem à existência de qualquer interesse interno da própria categoria médica que priorizasse a entrada das mulheres para satisfazer a demanda dos familiares e dos esposos em relação ao atendimento às suas mulheres, filhas ou netas. Importante, ainda, observar que no citado período as demandas referidas não acumulavam a pressão social necessária às mudanças, pois apresentavam-se de forma difusa e descontínua.

ALZIRA REIS, A PRIMEIRA MULHER MÉDICA FORMADA EM MINAS GERAIS: UM CASO EMBLEMÁTICO

Alzira Reis (1886 -1970) nasceu na pequena cidade de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha, em uma casa na descida da Barra, no dia 8 de Novembro de 1886. Lá passou a sua infância. Estudou medicina em Belo Horizonte e depois de casada viveu em Niterói, Rio de Janeiro, até sua morte¹¹.

Nos anos de 1950, iniciou um livro de memórias, “Muito de mim para meus filhos”¹², falando-nos dos seus sonhos de adolescente e jovem em busca da profissionalização, e, particularmente, sobre seu desejo de tornar-se médica.

Órfã aos seis anos, foi criada pela mãe e pelo avô paterno, José Bento Nogueira, senador mineiro e deputado federal. Depois dos estudos básicos, frequentou o curso normal, para seguir o destino comum das poucas mulheres que trabalhavam: ser professora!

⁹ Marques, Rita de Cássia. Entrevista, Boletim da UFMG 16 /11/2005.

¹⁰ Knibielher, Yvone & Fouquet, Catherine. *Lês femmes...op cit.*; Correa Brenes, Anayansi. *Parteiras: escola de mulheres*. Belo Horizonte, Saitec editoração, 2008.

¹¹ Martins, Ismenia de Lima. *A Disputa das Mulheres pelo Espaço Social Masculino. Um Estudo de Caso: Doutora Alzira Reis*. ANPUH 2003.

¹² A citação foi extraída do Caderno de Memórias “Muito de mim para meus filhos”, Coleção Particular Anamaria Nunes, neta de Alzira Reis. Cópia do texto encontra-se depositada no Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da UFF.

Tinha sede de liberdade... Como eu tinha desejo de fazer o que eu queria! (...) Já formada, desejei sair de lá e estudar farmácia; pedi certidão dos programas da Escola e requeri ao Ministro da Educação, no Rio, permissão de matricular-me na Escola de Farmácia de Ouro Preto. Deferiu o Ministro meu requerimento, (...)

Nada adiantou, pois minha Mãe não me permitiu (...) ¹³

Assim, seguiu sua vida de professora em Minas Novas, depois em Ouro Preto sonhando em chegar a Belo Horizonte, a nova capital. Acompanhava o avô em viagens ao Rio de Janeiro, capital federal, secretariando-o. Ainda em suas memórias registrou a sua decisão de ingressar no curso médico:

A minha vida, sem finalidade ainda, transcorreu na Capital algum tempo. Depois vim novamente ao Rio, com meu Avô, tentei convencê-lo a deixar-me estudar farmácia, no Rio, sem resultado positivo. Passei a frequentar, na Avenida Central – hoje Rio Branco – um curso de inglês e francês, “Berlitz School”. (...) Aí eu li, com prazer a criação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e, com assentimento de Vovô, voltei a Minas e me inscrevi num curso de preparatórios. ¹⁴

Pelo manuscrito que nos legou, sabemos que pelo menos outra mulher, sua amiga Amaryllis Lage, inscreveu-se mas não conseguiu aprovação. Assim, sozinha, enfrentaria as dificuldades inerentes ao fato de ser a única aluna mulher do curso de medicina.

São eloquentes os depoimentos de Alzira sobre o preconceito:

Eu sozinha, lutaria contra os preconceitos, contra a má vontade, porque mulher nasceu para o lar, mais nada. Eu progredia, e em mim eu via não eu apenas, mas muito mais – a mulher. Em todos os meus livros e cadernos, lembrando os meus deveres, eu gravei: “Querer é poder”¹⁵.

Apesar de ser neta de um senador mineiro¹⁶, foi convidada a procurar outra pensão, pois a sua condição de estudante de medicina não era desejável para o convívio das demais pensionistas. Este fato marcou profundamente suas lembranças, e revivê-las provocou expressiva mudança no seu estilo, que torna-se muito combativo, declarando guerra ao preconceito.

Imperavam os preconceitos por toda a parte, e em Minas mais que em outros centros ventilados pelas brisas marinhas. Entre montanhas fechada, Minas – a terra católica – entendia que à mulher, Deus reservara apenas o fim de ter filhos e cria-los.

Como lutei contra o preconceito de que é imoral a mulher que estuda Medicina!¹⁷.

¹³ Muito de mim para meus filhos, s/data, pág. 12

¹⁴ Idem. Ibidem.

¹⁵ . Muito de mim para meus filhos, s/data, pág. 17

¹⁶ Em Minas Gerais manteve-se o Senado Estadual até 1930.

¹⁷ Muito de mim para meus filhos, s/data, pág. 17

A presença de Alzira deveria criar constrangimentos de tal magnitude que o próprio diretor tratou de dissuadi-la a continuar como aluna de medicina, conforme registrou.

Matriculada no 1º. Ano de Medicina, fui chamada à Secretaria, melhor à Directoria: o sr. Diretor desejava conversar comigo.

Espírito elevado, o dr. Cícero Ferreira, 1º. Diretor e um dos fundadores da Faculdade, propôs-me continuar na Faculdade de Farmácia, de onde eu me transferira, e – feitos esse curso de 3 anos - faria eu o de Química (Química), de 3 anos também, e êle me garantia uma cadeira das de química da Faculdade.

Refleti longos minutos; o oferecimento era deveras tentador... Mas eu prometera a mim mesma fazer o curso médico; faltar a esse compromisso era rebaixar não a mim só, mas a mulher em geral.

Havia mulheres médicas, eu sabia, mas o preconceito perdurava, e a todo momento focalizava-se o tal peso do cérebro da mulher como inferior ao do homem. Tolice dos tolos.

Eu me matriculara para ser médica – respondi ao Diretor.

Agradei.

- Não se arrependa no futuro...” predisse¹⁸.

No cotidiano, persistiam as demonstrações de preconceito, e Alzira enfrentava com galhardia os desafios. No entanto, foram duras as provas a que foi submetida que ficariam marcadas, para sempre, em sua memória. Exemplo eloquente dessas lembranças é o registro que fez de sua entrada no anatômico:

Não me esquecerei jamais de quando entrei, pela primeira vêz, na Sala de Anatomia, já no 2º. Ano: mesas de mármore dispostas de um e outro lado da vasta sala, uma passagem entre todas, e eu caminhando de alma e cabeça altivas buscando a tarefa que me havia designado o professor. Em cada mesa um cadáver nú, brancos, pretos, morenos e todos os olhares me buscavam – eu sentia. Por que? Porque os cadáveres eram nós, porque ali, naquela nudez estava o quê de preconceito e imoralidade: “Ver homens nós? Que horror!”¹⁹

As suas ideias libertárias, seu desejo de igualdade e suas atitudes talvez se expliquem pelo contato com o meio social da capital federal, aonde as informações dos acontecimentos políticos e feministas na Europa e nos Estados Unidos chegavam pelos jornais. Várias passagens em seu livro de memórias são reveladoras desta influência, e a faziam afirmar que:

“Sinto-me prisioneira fora e dentro de mim”.

“O destino da mulher não pode ser o fogão”.

“Deve haver mais mulheres no mundo pensando como eu...”²⁰

¹⁸ Muito de mim para meus filhos, s/data, pág. 17

¹⁹ Muito de mim para meus filhos, s/data, pág. 18

²⁰ Frases retiradas do texto original “Muito de mim para meus filhos”

Alzira enfrentou resistências da família do noivo por ser mais velha que ele, e, além disso, médica. Exerceu a medicina em Governador Valadares e, depois de aceita pela família do marido, fixou residência definitiva em Niterói.

No Rio de Janeiro, participou de todas as lutas feministas, ligando-se a Bertha Lutz e Eunice Weaver, destacando-se na campanha em prol dos leprosos e na criação e manutenção do Educandário Vista Alegre para crianças filhos dos portadores de hanseníase²¹.

Faleceu em Niterói em 1970 e está sepultada no Cemitério do Maruí, no jazigo da família Vieira Ferreira.

OS PRIMEIROS TEMPOS DA FACULDADE DE MEDICINA

Segundo Maria Helena Machado,²² o mercado de trabalho médico é por tradição constituído, até os dias atuais, por profissionais homens, seja em países do primeiro mundo, como Estados Unidos, França e Alemanha, seja naqueles mais próximos ao Brasil, no Cone Sul, como Argentina, Chile e Uruguai. Por isso, ao examinarmos o sexo que marcou a Faculdade de Medicina da UFMG, ao longo do século XX, não devemos estranhar que o masculino também tenha sido majoritário.

Importante ressaltar que a entrada das mulheres nas escolas médicas e na profissão não significou que tenha se modificado a natureza do ofício ou da instituição, mas que, ao longo dos anos, a mulher foi vencendo as barreiras. É verdade que o processo foi lento, porém irreversível.

No Brasil, tal situação ocorreria mais claramente a partir dos anos de 1930, e, apesar de sua expansão a partir da década de 1950, só se consolidaria a partir de 1970, quando as mulheres em massa decidiram lutar pelas vagas do vestibular nas profissões mais competitivas do mercado de trabalho: Medicina, Direito, Engenharia.

Os registros das Atas de Admissão — as provas para ingressar na Faculdade de Medicina — evidenciam que o vestibular foi o grande desafio a ser transposto pelas candidatas, que deveriam se submeter a treze exames.

Desde os primeiros anos, a documentação assinala a presença de mulheres desejosas de ingressar e fazer o curso. Em 1912, registra-se a inscrição de três alunas que prestaram exames orais e lograram aprovação²³ e em 1914 inscreveram-se quatro mulheres, das quais apenas três compareceram aos exames e duas conseguiram a nota mínima de aprovação. Nenhuma destas alunas, no entanto, aparece nos registros de diplomas conservados no Centro de Memória da Faculdade de Medicina, que possui excelente acervo, tratado e organizado. Localizou-se, inclusive, uma fotografia em que aparecem a três alunas aprovadas em 1912²⁴.

²¹ Martins, Ismenia de Lima. *A Disputa das Mulheres pelo Espaço Social Masculino. Um Estudo de Caso: Doutora Alzira Reis*. ANPUH 2003.

²² Machado, Maria Helena (coord.). *Os Médicos no Brasil. Um retrato da realidade*, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1997. (Cap. 5 – As Médicas no Brasil (p. 147-161).

²³ Após as provas escritas os alunos eram submetidos a uma segunda bateria de provas, no caso exames orais.

²⁴ CEGRAD. Centro de Graduação de Medicina da UFMG. *Lista de Matrícula de Alunos de Todos os Períodos em 2010*.

Ainda em 1914, nos meados desse ano, Alzira Reis transferiu-se da escola de farmácia, conforme consta: “em 04 de agosto de 1914 prestou os exames de francês, inglês e latim para o curso médico, tendo feito as provas anteriores. Foi aprovada com grau 7.” Assinaram a ata, em 15 de agosto de 1914, Álvaro de Barros, Aurélio Pires e Mario de Lima²⁵.

Das alunas que ingressaram naquele ano, Alzira Reis foi a única a se graduar, e foi a primeira médica formada em Belo Horizonte. Importante observar que se utilizou de uma estratégia para parcelar em dois momentos os temidos exames de admissão, pois satisfez parte deles ao ingressar no curso de farmácia e os restantes ao reivindicar sua transferência para medicina.

O fato de as demais inscritas não terem se diplomado sugere inúmeras hipóteses, que infelizmente a documentação existente não permite confirmar. Poderiam, por exemplo, ter se transferido para outra faculdade, como aconteceu com Rita Lobato, primeira médica formada no Brasil, já mencionada anteriormente, que se transferiu da Faculdade do Rio de Janeiro para a Bahia. Existe ainda a possibilidade de abandono do curso por motivos pessoais, familiares e/ou dificuldades de acompanhar disciplinas. Não menos viável é a hipótese de terem sofrido pressões internas à faculdade, como foi o caso anteriormente descrito, minuciosamente, por Alzira Reis, convidada a se transferir para o curso de farmácia, com promessa de um emprego futuro.

Os registros não revelam novas diplomadas no período de 1914 até 1929.

Somente depois de quinze anos decorridos do ingresso de Alzira Reis, em 1929, inscreveu-se Iris Vieira Lima, que, embora aprovada, não aparece na lista das diplomadas.

No entanto, como veremos no Quadro 1, teremos registro de mulheres graduadas em 1932, 1933 e 1934, tudo levando a crer que ingressaram antes de 1931, em que aparecem três inscritas: Anna Motta; Celina Abreu de Aquino e Iris Alvarenga Valadares, todas diplomadas em 1936, como se assinala na mesma referência.

Em 1933, Maria Yolanda Vecchio Mauricio obteve o 1º lugar do Vestibular em medicina, com média 9, entre um total de 157 candidatas na segunda fase, a da prova oral.²⁶ Também ingressou neste ano Maria José de Las Casas, cujas notas não constam no livro de atas, registrando-se, no entanto, seu nome entre os alunos diplomados, em 1938, no livro do Cinquentenário²⁷.

Em 1937 três mulheres seriam aprovadas dentre um total de 62 alunos: Iracema Baccarini, Helena Abreu e Natividade Sendin Santos²⁸.

A documentação existente no Centro de Memória e no Centro de Graduação da Faculdade de Medicina da UFMG (CEGRAD), particularmente as Atas de Admissão, possibilita a identificação das mulheres entre os diplomados do período de 1911 a 1950. Como se verifica no Quadro 1, a seguir.

²⁵ Livro de ATAS de exame de Admissão e do Vestibular da Faculdade de Medicina da UFMG, período de 1918-1950.

²⁶ Ata de admissão do ano de 1933.

²⁷ Livro do Cinquentenário da UFMG.

²⁸ Ata de Admissão de 1937.

Quadro 1

MULHERES GRADUADAS NA FACULDADE DE MEDICINA DE BELO HORIZONTE DE 1919-1942

Ano	Total	Nome da Médica	Observações
1919	11	Alzira Nogueira Reis, primeira médica formada em Belo Horizonte	Ginecologia e Obstetrícia e Saúde Pública em Niterói, Maternidade Municipal de Niterói, que recebeu seu nome.
1932	68	Maria José Botelho	D.O.U. 28/04/1933.
1933	85	Maria Eulália Ramos	Pediatra destaque - Patrona da Academia Mineira de Pediatria.
1934	101	Anna Cerqueira Pereira	
1936	113	Anna Motta Celina Abreu de Aquino Iris de Alvarenga Valadares	— D.O.U. 06/12/1940 Pça. Doutora Íris Alvarenga Valadares. Av. Celso Porfírio Machado com R. Carmine Zupo, Belvedere, UP Belvedere.
1938	77	Maria José de Las-Casas Maria Yolanda Vecchio Mauricio	D.O.U.14/10/1932. Aprovada em 1º lugar de Medicina, exame Média geral 9.
1939	68	Maria de Carvalho Tofani Maria Helena Moraes Jardim	<u>D.O.U. 12/09/1941.</u> Pediatra destaque- Patrona da Academia Mineira de Pediatria.
1940	75	Maria José Collen Olga Bohomoletz	Discípula do Dr Baita Vianna
1941	86	Berenice Diniz Peixoto Maria José Queiroz.	
1942	33	<u>Helena de Abreu</u> Iracema Mathilde Baccarini	Ginecologista Obstetra Participa na criação Sociedade de Ginecologia de MG. 2/6/1945. Ginecologista Obstetra Primeira mulher a ingressar como professora na Faculdade de Medicina, em 30/9/1970. Membro da Academia de Medicina Mineira, Patrono Eurico de Azevedo Villela Cadeira nº. 48
1943	58	Sara Ramos	
1944	62	Irany Silva é homen E Jacy de Moraes Lima	
1945	56	Aurora Possidonio dos Santos, Epiphania Sarmiento de Oliveira, Leonor Nogueira Horta, Maria Imaculada da Conceição Bergo Torres	
1947	72	Mariana Noronha	
1948	74	Nívea Padin	
1949		Albertina Daher, Arlete Alves da Silva, Déa Prata de Carvalho, Eliza Franca Em 99 graduados	
1950	93	Adelina Vilela de Souza, Antonieta Selmi Guimarães, Diva Viana Gonçalves, Helena de Andrade Silveira, Iracema Rios Veloso, Isabel Pimenta, Lucila Maia.	

FONTE: Dados fornecidos pelo CEGRAD e Cememor- Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG e Salgado, João Amílcar no *site*: www.medicina.ufmg.br/cememor/arquivos/carlosDiniz.

Importante observar que, além do caráter pioneiro da atividade dessas mulheres, a condição de médicas imprimiu-lhes uma marca diferenciada no todo social. Assim a prática profissional permitiu-lhes inscrever sua presença no espaço público, onde algumas delas alcançaram relativa notoriedade.

As histórias de vidas de todas essas mulheres, documentadas de maneira fragmentada, não foram ainda devidamente estudadas. No entanto, atuações como as de Dra. Maria Eulália Ramos (graduada em 1933) e da Dra. Maria Helena Moraes Jardim (diplomada em 1939) destacam-se pelo reconhecimento que alcançaram, ao terem seus nomes propostos como Patronas da Academia Mineira de Pediatria, em 2005, por ocasião da criação da Academia.

Vários depoimentos conferem realce a diversas mulheres médicas. Exemplar, nesse sentido, é a fala do dr. Gustavo Adolfo Brasil, médico, escritor, cardiologista, membro e diretor da Sociedade Mineira de Cardiologia (gestão 1955-1956), fundador da Academia Mineira de Medicina, que em discurso proferido na sua gestão citou a Dra. Anna Motta (da turma de 1936) como médica ilustre²⁹.

Da mesma forma o dr. Carlos Ribeiro Diniz (1919-2002), relatando seu interesse pela Bioquímica, citou o trabalho Olga Bohomoletz (formada em 1940), que desde a graduação já se destacara como monitora.³⁰

O estudo dos cinquenta primeiros anos, também revela que apesar da irregularidade houve um fluxo de crescimento na busca por mulheres do curso médico, ainda que o dado numérico efetivo de que se dispõe evidencia que dos 1.800 alunos diplomados no período apenas 37 eram do sexo feminino.

Não possuímos informações sobre o número de inscritas para fazer o vestibular, mas apenas os dados relativos àquelas que se inscreveram e foram aprovadas pelo menos para a fase dos exames orais. Logo, pode-se estimar que o número de candidaturas fosse consideravelmente maior do que o de aprovadas nesta segunda etapa.

O PERÍODO DE 1950 A 1970

O período em questão constitui-se em recorte significativo, pois permite evidenciar não apenas as mulheres aprovadas no vestibular, mas também todas as que prestaram provas de ingresso, possibilitando a avaliação da magnitude da concorrência entre os sexos na disputa pelas vagas³¹.

Os anos cinquenta em nível nacional, mas também em Minas Gerais, e especificamente em Belo Horizonte, propiciaram uma intensificação acelerada da urbanização paralela às

²⁹ <http://sociedades.cardiol.br/sbc-mg/2009/gestoesanteriores/1955-56.html>.

³⁰ *Como é que a bioquímica entrou na sua vida?* Carlos Roberto Diniz (1919-2002) Entrevista concedida a Ângelo Machado (Instituto de Ciências Biológicas, UFMG) e Roberto Barros de Carvalho (Ciência Hoje), publicada em maio de 1993 noticiado pelo Canal Ciência (IBICT) em 17 de junho de 2010.

³¹ Tais referências constam do Livro de Atas de Concursos de Habilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, período de 1951 – 1971.

mudanças provocadas pelo desenvolvimento capitalista no Brasil. Tal processo caracterizava-se, de um lado, pelo crescimento da industrialização, e de outro, pelas mudanças profundas ocorridas no quadro agrícola, que diminuiriam a oferta de trabalho no campo, forçando o êxodo rural.

No quadro abaixo, podemos perceber a magnitude do crescimento da população urbana em Belo Horizonte cuja taxa de crescimento entre 1940 e 1960 girou em torno de 275%, ultrapassando, em muito, as médias das taxas referentes ao aumento da população urbana brasileira, aproximadamente de 143%, e a do estado de Minas Gerais, que esteve em torno de 125%.

Tabela II
POPULAÇÃO URBANA E RURAL - 1940 A 1960

Ano	Total			Urbana			Rural		
	BR	MG	BH	BR	MG	BH	BR	MG	BH
1940	41.236.315	6.763.368	211.377	12.880.182	1.693.658	177.004	28.356.133	5.069.710	34.373
1950	51.944.397	7.782.188	352.724	18.782.991	2.322.915	340.853	33.161.506	5.459.273	111.871
1960	70.070.457	9.657.738	693.328	31.303.034	3.825.249	663.215	38.767.423	5.832.489	30.113

Fonte: *www.ibge.gov.br*

Tal conjuntura socioeconômica, assim como seus efeitos demográficos, iria repercutir na demanda por maior número de vagas. A Tabela 3 evidencia o aumento do número total de inscrições na década de 1950, além de especificar quantos eram homens e mulheres dentre os inscritos e assinalar o número de aprovados na primeira e segunda fases.

Tabela III
APROVADOS POR SEXO NO CURSO DE MEDICINA UFMG 1951, 1954 E 1959

Ano	Total	Homens	Mulheres	Aprovados na 1ª fase	Aprovados na 2ª fase
1951	381	359	22	270	94
1954	536	480	56	314	80
1959	700	636	64	*	74

Fonte: *Livro de Atas de Habilitação, Faculdade de Medicina, 1951 a 1971, CEMEMOR.*

Em 1951 apresentaram-se 381 inscritos na prova geral. Destes 359 eram homens e 22 mulheres. Fizeram a segunda chamada de provas apenas 270, merecendo aprovação final apenas 94. Logo, foram reprovados 176 candidatas.

Em 1954, eleva-se consideravelmente o total de inscritos, que atingiu o número de 536, sendo 480 do sexo masculino e 56 do feminino. Evidencia-se que a candidatura de mulheres cresceu quatro vezes em três anos. Submeteu-se às provas orais o total de 314 candidatos, tendo sido aprovados 80 e, conseqüentemente, reprovados, nesta segunda fase, 234 inscritos.

Ressalta-se a importância desta etapa da seleção, considerando-se que o número de vagas permaneceu praticamente inalterado no período, em relação à demanda cada vez mais crescente. Tal situação é eloquente, por exemplo, no ano de 1959, em que, segundo os dados oficiais, houve um total de 700 inscritos para as provas, dos quais apenas 74 foram aprovados.

Enfim, gerou-se a partir da década de 1950 uma situação de desequilíbrio entre o número de vagas oferecidas pela Escola Médica, que não acompanharia a pressão da demanda social. Importante observar que tal situação se acentuaria ao longo do século.

Naquela conjuntura pode-se imaginar que muitas mulheres tentaram mais de uma vez o vestibular no período. Tal hipótese respalda-se em vários depoimentos, como o de Eleusa Machado de Brito Guimarães, da turma de 1959: “penso que tive muita sorte de não passar no meu primeiro vestibular, pois assim pude pertencer a essa turma que considero gloriosa!”³²

O emotivo testemunho de Nalzira Marques Neder, da mesma turma, revela a força mobilizadora do vestibular para os jovens da época:

1954. Chegou a hora do vestibular. Qual de nós não se lembra? (...) Ah! O nervosismo antes de cada prova e expectativa na hora de examinar a lista dos aprovados! (...) pois é! só que eu não encontrei o meu nome na lista dos aprovados. Que decepção! Que tristeza ! tanto esforço, sem recompensa! (...) Errado! Meu nome fazia parte de uma lista dos excedentes³³

Nalzira finaliza o seu depoimento agradecendo a Deus e aos colegas que se empenharam em localizá-la para que pudesse fazer parte daquela essa turma .

Os depoimentos dos ex-alunos da turma de 1959 são expressivos para ressaltar não apenas a presença feminina, mas o crescente interesse das mulheres pelo curso médico. Observa-se, também, que os depoimentos dos colegas homens são eloquentes a esse respeito.

Ronaldo F. Ciruffo, por exemplo, que também integrou a turma de 1959, registrou a visita à Faculdade de jovens secundaristas, da elite local, motivadas a seguir o curso de medicina.

Numa tarde de janeiro de 1958, estando no laboratório de histologia, com meu colega Guilherme, a porta foi aberta, e entraram um bando de 10 belas meninas em uniforme (colégio de Sión) onde na época estudava a mais fina flor da mocidade feminina da alta sociedade (...) estavam em visita à Faculdade. Elas faziam perguntas sobre o “ato cirúrgico” (termo empregado pelas alunas) que nós fazíamos... Uma aluna resolveu confessar que tinha vontade de estudar medicina, mas encontrava muitas dificuldades em física, o que a desanimava de tentar o exame de vestibular...³⁴

A presença feminina, conforme o depoimento acima era, até certo ponto festejada.

³² Médicos da turma de 1959. Declaração de afeto aos meus colegas de turma, p. 121 livro.

³³ Médicos da turma 1959. por Ana de Brito Vilela, p.90

³⁴ Médicos da turma 1959. “uma aula de anatomia, p.87.

Ainda da turma de 1959, outro depoente, além de registrar, da mesma forma, o entusiasmo pela presença feminina compara, positivamente, os valores da mulher ao homem.

Mulher estudando medicina era coisa inusitada. Até então, as turmas apresentavam uma só jovem do sexo feminino. Já era notável e motivo para comentários e distinção para com ela. A nossa turma (1954) surpreendeu a comunidade escolar e a sociedade com 10 jovens, solteiras, graciosas e com vontade e determinação igual a dos homens.³⁵

Apesar de diversas memórias escritas explicitarem a ausência de preconceitos ou de disputa entre os sexos, e enfatizarem a convivência afável entre homens e mulheres na Faculdade de Medicina, na verdade no cotidiano da instituição e da sociedade as mulheres estudantes de medicina ou médicas se diferenciavam. Um discreto comentário registrado, nas memórias da turma de 1959, aponta uma certa comparação, competitiva, entre ambos os sexos, de certa maneira provocada pelo professor, ao examinar um trabalho proposto em anatomia topográfica:

A Marta Alice e eu, tocou-nos fazer a preparação da parede do abdômen. Num cadáver para 4 alunos, de um lado 2 moças e do outro 2 rapazes, quando o professor Alberto Caram olhou o trabalho realizado disse: 'Vejam a dissecação das moças e vejam a de vocês; a delas está digna de uma fotografia! Vocês não têm vergonha seus malandros?' Tudo acabou em risada.³⁶

Como se percebe nesses fragmentos de memórias, os obstáculos e as fronteiras impostos culturalmente aos jovens de então foram sendo transpostos pelos esforços, inteligência e capacidade relacional com os colegas e com os médicos da época, mas também, e sobretudo, com o apoio da família. As mulheres, obedientes na sua maioria, mas com muitos desejos de superação e de galgar novos espaços, como médicas,³⁷ foram expandindo e diversificando seus interesses, na medicina.

Ao examinar este ponto, percebemos que muitas copiaram as estratégias dos colegas e dos professores homens, e outras, mais diferenciadas, traziam as experiências que apreendiam em outros espaços públicos ou privados.

Nos relatos nota-se também a estratégia da *maternagem*, entendida aqui como atributos de cuidado tipicamente feminino, com a família. Algumas delas, consciente ou inconscientemente, através desse comportamento, conquistavam apoio e facilidades na convivência, nesse mundo competitivo dominado pelos homens. Nalzira Neder, de ascendência síria, por exemplo, era considerada "materna com os rapazes, todos a adoravam!"³⁸.

Da mesma forma, Marta Alice Guimarães Venâncio era considerada uma figura

³⁵ Idem. P.4

³⁶ A turma de 1959...op cit p. 28.

³⁷ Knibiehler, Y. op. cit 198.

³⁸ A turma de 1959...op cit p. 25.

maternal; no entanto, destacou-se também pela sua capacidade intelectual, desde o ingresso na Universidade, com excelente classificação no vestibular. Além disso, é importante ressaltar que era a única mulher negra de sua turma, provavelmente a primeira negra a se formar em Minas Gerais, e entre as pioneiras nesta condição no Brasil. Era chamada de “Martinha”, considerada atenta, organizada e discreta. Tornou-se docente da pediatria em 17/04/1965, atuando na área até se aposentar, em 25/03/1991. Continuou seu trabalho na Secretaria Estadual de Saúde do Estado de Minas Gerais³⁹ como especialista de políticas públicas em sua área de atuação, descrevendo uma trajetória de grande destaque não apenas em seu Estado de origem, mas também nacional.

Outro menção da turma de 1959 é Eleusa Machado de Brito, que se tornou a primeira mulher diretora de uma faculdade de medicina no Brasil, no Estado de Goiás, e seu trabalho foi tão inovador, que a levou a uma reeleição⁴⁰. Marta Alice Guimarães Venâncio, acima citada, que foi sua contemporânea, é enfática reconhecendo seu valor:

Eleusa, foi uma mulher excepcional a seu tempo, tinha um perfil diferenciado, era transparente, engajada na política da Juventude Universitária Católica (JUC), defendia a liberdade e a cidadania.

Da mesma época ressalta a figura de Leda Caporali de Oliveira, que foi a segunda mulher a ingressar como professora, na Faculdade de Medicina, em 1961, “a convite dos professores da Ginecologia e Obstetrícia”. Leda foi considerada pela colega Eleusa de Brito como “a vice-presidente do grupo dos alunos seríssimos que só pensam em coisas muito sérias”; acima dela só estaria o colega Alcino Lázaro da Silva⁴¹.

Os depoimentos levantados junto a médicos formados pela antiga Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, hoje UFMG, podem-nos auxiliar a perceber a difícil façanha daquelas mulheres pioneiras para realizarem os estudos médicos, não apenas por razões de impedimentos preconceituosos, mas porque a estrutura de poder institucional era ocupada inteiramente pelos homens. A tal conjuntura acrescentou-se a proposta de mudança curricular, que colocava um novo desafio para os estudantes, homens ou mulheres.

O professor João Amilcar Salgado, coordenador do Centro de Memória da UFMG, esclarece o ponto mais importante da nova proposta de curso — a questão da prática médica:

Em 1955, chegou ao Brasil, importada dos EUA, a reforma Flexneriana.⁴² Antes da entrada daquela reforma, o ensino médico universitário brasileiro vinha de uma linha pedagógica francesa, mas ele foi considerado ultrapassado pela Fundação Rockefeller e substituído pelo paradigma americano. (...) O modelo francês propalava que a faculdade de medicina devia só dar aula

³⁹ Marta Alice Venâncio Romanini, atualmente, ocupa a Coordenadoria de Assistência à Saúde da Mulher, Criança e Adolescente (SES) no Estado de Minas Gerais.

⁴⁰ A turma de 1959...op cit., Eleusa Machado de Brito Guimarães por Marta Alice Venâncio Romanini, P. 133.

⁴¹ Leda Caporali foi entrevistada, na sua residência, sábado 04 de junho 2010.

⁴² Abraham Flexner (1866-1959) foi o autor do famoso Relatório Flexner de 1910, que reformou a educação médica nos Estados Unidos.

teórica e que as aulas práticas deveriam ser feitas em hospitais filantrópicos, no caso em Minas, era a Santa Casa. Em 1956, houve o abandono da Santa Casa e foi feito o Hospital das Clínicas, financiado pela Rockefeller.⁴³

Os registros de alunos da turma de 1959 apontam traços importantes da mudança curricular. Carlos Epifânio Queiros, por exemplo, que recitava de memória páginas do *Traité d'anatomie de Testut*, em língua francesa, o fazia em atitude crítica às aulas teóricas, porque não havia laboratórios para realizar os experimentos. As proezas dos professores eram reconhecidas por darem aulas sem equipamentos, apenas usando “o giz”⁴⁴.

O depoimento de Alcino Lázaro da Silva ressalta o pioneirismo de sua turma quando afirma:

mudamo-nos de prédio pela destruição do antigo. ‘Os laboratórios de Bioquímica, Parasitologia, Microbiologia foram estreados por nós, parcialmente’, naquele momento⁴⁵.

Tais aspectos efetivamente propunham alterações profundas ao quadro anterior, uma vez que o perfil do professor de medicina da UFMG, antes da Reforma, tinha uma influência direta do modelo francês, herdado da Faculdade do Rio de Janeiro, conforme já afirmado.

Os relatos sobre as circunstâncias históricas em que se transformou o ensino médico teceram para as alunas situações de constrangimento, provocadas diante do estudo prático, em que partes do corpo nu evocavam aspectos da sexualidade:

por exemplo na aula de histologia, (aula do 1º ano de medicina) houve a projeção de uma lâmina com tecido de um corte total de pênis, e uma das moças querendo advertir o professor de que a lamina estava projetada de cabeça para baixo, o professor respondeu - se referindo ao órgão e não ao tecido “é assim mesmo”⁴⁶.

Ambiguidade de falas, resolvidas com risadas!...

Entre outras circunstâncias que colocaram novos problemas aos já existentes, ressalta a introdução de novas práticas hospitalares na atenção médica, sobretudo nos partos, como veremos no depoimento de Iracema Baccarini. Quando de volta para sua terra, São João Del Rey, em 1943, não pôde exercer a medicina obstétrica, apesar de na placa de seu consultório constar “Doenças de senhoras e do parto”, por lhe faltar apoio dos colegas e sobretudo de um hospital para atender as suas pacientes.⁴⁷

Neste caso não se tratava apenas de uma discriminação contra a mulher médica, mas

⁴³ Entrevista realizada com o prof Joao Amilcar Salgado, data 05/05/2010. CEMEMOR.

⁴⁴ A turma de 1959. Op cit p. 28.

⁴⁵ Idem, p. 7.

⁴⁶ A turma de 1959. Op cit p. 58.

⁴⁷ Baccarini, Iracema. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Imprensa Segrac, Belo Horizonte, 2002. p.53 a 66 .

também uma mudança do parto domiciliar para o espaço hospitalar, que afetaria a todos os que praticavam a atenção obstétrica naquele período.⁴⁸

O ensino prático exigia dos estudantes uma pesada carga de plantões para atender as obrigações das diferentes disciplinas. Em 1959, decorridos três anos desta experiência, Eleusa Machado de Brito e Leda Caporali de Oliveira, membros da equipe de plantonistas do Pronto Socorro desde o 4º período da prática ambulatorial, por exemplo, ressentiam-se do peso do trabalho da prática hospitalar e afirmavam: “que saudades do 4º ano quanto tudo era mais fácil!”⁴⁹

No entanto, dado o avanço da tecnologia e do discurso científico, implementado pelo ensino médico americanizado, cada dia se exigia mais de todos, homens e mulheres médicos, nessa direção. Tais vivências, ao que tudo indica, teriam, com o passar dos anos, estreitado os vínculos entre os alunos de medicina que se tornaram mais afetivos e familiares, indiferentemente do sexo, da origem regional e social de cada colega.



Alunos e alunas compartilhando espaço na Biblioteca (Acervo: CEMEMOR)

Classes sociais têm sido um ponto relatado por várias gerações de ex-alunos, que minimizam ou não esta realidade.. Alguns afirmam que o ensino não os diferenciava;

⁴⁸ Correa Brenes, Anayansi. L'expérience de l'accouchement sans douleur au Brésil. Société d'histoire de la naissance, Paris, 2002. (Seminário sobre a história do Dr LAMAZE).

⁴⁹ A turma de 1959. Nos depoimentos do livro Reminiscências “Médicos de 1959”, pág. 92.

outros consideram que alunos de maior poder aquisitivo tinham acesso a materiais não disponibilizados para todos⁵⁰. No livro *A Turma de 1959*, por exemplo, alguns depoimentos, como o que se segue, confirmam a diversidade socioeconômica dos estudantes, apontando que, de certa maneira, o vestibular, ainda que complexo, constituía-se em uma forma democrática de acesso.

(...) Hilza Terezinha de Carvalho era uma das poucas pessoas da turma que em 1954, usava automóvel para ir nas aulas, um velho Ford preto que o pai lhe cedia em paralelismo a outros colegas que tinham apenas dinheiro suficiente para pagar o seus gastos mínimos⁵¹.

Yvonne Knibiehler considera, em relação às médicas, que, enquanto as mulheres vivenciam uma realidade de dominação e estão em minoria, sua percepção também não é autônoma. Ainda segundo a autora, existem casos excepcionais, mas em sua maioria estas profissionais, na França, foram de um conformismo absoluto. Por outro lado, afirma que estas mulheres, com sua entrada nos cursos médicos, quebraram dois grandes pilares que sustentavam os estereótipos do feminino na sociedade moderna: primeiro, aquele fortemente arraigado na visão médica dominante, relativo à ideia da natureza feminina como frágil e incapaz; segundo, a dependência feminina, pois ao realizar os estudos médicos ajudaram na demonstração das possibilidades de autonomia da mulher, estabelecendo uma cumplicidade favorável a tal processo.⁵²

PRIMEIRA PROFESSORA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG - DOUTORA IRACEMA MATHILDE BACCARINE

Nascida em 29 de junho de 1917, em São João Del Rey (MG), Iracema Mathilde Baccharini inscreveria seu nome na história da Faculdade de Medicina da UFMG como a primeira mulher e ex-aluna a ingressar no seu quadro docente.

Desde pequena, admirava os médicos que cuidavam dos irmãos. Por isso, quando chegou a hora de optar por uma profissão, não teve dúvida. “Foi um alvoroço. Meu pai ficou preocupado, porque naquela época a medicina era quase exclusivamente uma profissão masculina”⁵³, recorda Iracema. O pai apoiou-a e sustentou-a nesse projeto⁵⁴.

Tal característica tem sido uma das mais importantes condições para o sucesso profissional de todas as alunas e professoras cujas memórias encontram-se registradas nas entrevistas, pois, de modo geral, a aprovação do pai significava o apoio familiar e a garantia do sustento. Mesmo atualmente, a importância da concordância e estímulo familiar para

⁵⁰ Ver texto *As estratégias pedagógicas do ensino médico* - caderno Cepia, n.4.

⁵¹ A turma de 1959 p. 24.

⁵² Knibiehler, Y op cit. p. 200.

⁵³ Baccharini, Iracema Mathilde. *Reminiscências e discriminação no exercício da medicina*. Belo Horizonte, M.G. 2002.

⁵⁴ Baccharini, Iracema Mathilde. *Reminiscências e discriminação no exercício da medicina*. Belo Horizonte, M.G. 2002.

realização dos estudos médicos é registrada como determinante nos depoimentos de todas as entrevistadas da geração mais recente de estudantes.

Em 1942, Iracema formou-se em medicina, com especialização em Ginecologia e Obstetrícia. No mesmo ano, graduou-se, também, Helena de Abreu, que optou pela mesma especialidade. É de se notar que Iracema nunca tenha mencionado esta colega em seu livro de memórias⁵⁵.

Diplomada, Iracema voltou à terra natal, São João Del Rey, tornando-se a primeira médica da cidade e enfrentando a ira dos *doutores* machistas locais.

Um médico me disse que, se quisesse trabalhar no hospital, não poderia ser como ginecologista, porque essa especialidade só poderia ser exercida por ele e seus filhos. E ainda teve coragem de me dizer que mulher tinha que ser professora ou dona de casa⁵⁶

A jovem médica não se intimidou. Por três anos, trabalhou como clínica geral da Santa Casa de São João Del Rey. Tendo em vista as condições desfavoráveis de trabalho naquele local, resolveu avaliar o convite irrecusável para retornar à UFMG e iniciar sua carreira acadêmica⁵⁷.

De fato, Iracema sentia-se desamparada e fragilizada no trabalho que poderia realizar em sua cidade natal. No hospital era hostilizada, porque não ocupou o lugar que lhe ofereceram, e sofria “essa discriminação, não por ser médica, mulher, mas por escolher uma especialidade onde médicos já praticavam.”⁵⁸

Não conseguindo alterar o panorama que se havia criado em torno dela, apesar de permanecer em sua terra por três anos, optou por instalar-se em Belo Horizonte.

Na capital foi trabalhar no Serviço de Leprosia, com Orestes Diniz. A respeito de seu ingresso na faculdade, afirma: “Trabalhei sem nada receber por nove anos. O que sempre me moveu foi o gosto pelo que fazia.”⁵⁹ O reconhecimento tardou, mas chegou.

Fiel ao seu ideal de lecionar Ginecologia e Obstetrícia, campos em que sempre pensou em se especializar, Iracema defendeu tese de doutorado, nesta área, na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em 1949. O trabalho, que obteve a aprovação, intitulava-se *Contribuição ao conhecimento da colpocitologia normal e patológica com especial referência ao diagnóstico do câncer*.

Registra-se o pioneirismo de Iracema por ter sido a primeira mulher a obter aquele

⁵⁵ Baccarini ,Iracema Mathilde. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Belo Horizonte, M.G. 2002.

⁵⁶ Baccarini ,Iracema Mathilde. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Belo Horizonte, M.G. , 2002.

Baccarini ,Iracema Mathilde. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Belo Horizonte, M.G. , 2002.

⁵⁷ Boletim UFMG, Nº 1374 - Ano 29 - 14.11.2002. **Uma vida dedicada à medicina. (Carla Maia).**

⁵⁸ Baccarini, Iracema. Mathilde. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Belo Horizonte, M.G. , 2002, pág. 63.

⁵⁹ Baccarini ,Iracema Mathilde. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Belo Horizonte, M.G., 2002.

título em Belo Horizonte, iniciando, assim, sua carreira de pioneirismos na vida acadêmica e médica de Minas Gerais.

Em 1954, foi admitida como professora Assistente Voluntária, no Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Na foto que se segue, além dela, as três mulheres que integram a imagem são identificadas uma como secretária e duas técnicas de laboratório. Tal constatação é um indicio de que os espaços secundários, sobretudo os que não exigiam nível superior, ofereciam mais chances para mulheres.



Equipe de Anatomia Patológica

Fonte : <http://www.medicina.ufmg.br/cememor/arquivos/bogliolo.pdf>⁶⁰.

Dois anos mais tarde, em 1956, insistindo no seu interesse maior, submeteu-se ao Concurso de Livre Docência da Clínica Ginecológica da mesma instituição, com o trabalho *O método da colpocitologia e da colpocitoquímica no diagnóstico ginecológico*⁶¹. Logrou aprovação, e o título de Livre Docente lhe foi concedido.

⁶⁰ Sentados, da esquerda para a direita, aparecem: Iracema Baccarini (assistente voluntária); Luigi Bogliolo; Nello de Moura Rangel (assistente); João Henriques de Freitas Filho (assistente). De pé, da esquerda para a direita, aparecem: Maria Martins Gonçalves de Souza (secretária); doutorando Edmundo Chapadeiro (futuro assistente); Neuz Fontoura Dutra (técnica de laboratório); Helvécio Borges (acadêmico de Medicina); Júlia Saud (técnica de laboratório); Joaquim de Paula Sucupira (técnico de laboratório); Santos Soares (auxiliar de autópsias). Foto batida por Igino Bonfioli, em 1949. In Luigi Bogliolo, Luiz Otavio Savassi Rocha.

⁶¹ Apresentada à Faculdade de Medicina, UFMG, BH, 1949. (T-wp 250 BA CO). Tese concurso de docência Livre da clínica ginecológica, 1956. (T.wp 250 BA ME). Suas teses podem ser encontradas na Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFMG.

Registra-se, também, que foi a primeira mulher a participar da Congregação da Faculdade de Medicina. Na reunião do dia 27 de março de 1958, saudando-a, o vice-diretor Oscar Versiani Caldeira declarou sua satisfação em ver pela primeira vez um elemento do sexo feminino tomando parte daquele colegiado⁶².

Finalmente, em 30 de setembro de 1960, Iracema teve o seu ingresso formalizado no Quadro Docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o número de matrícula 0318999⁶³.

Apesar da regularidade funcional, a nova docente não obteve o reconhecimento esperado. Em suas memórias relata, com muita mágoa, a grande decepção sofrida por ter sido reprovada num Concurso para Titular. Apenas os fragmentos documentais deixam entrever uma realidade de articulação das duas disciplinas, a de Obstetrícia e a da Clínica Ginecológica, que seriam fundidas em um departamento único, extinguindo-se as antigas cátedras.

De fato, Iracema, quando se refere a esse momento, revela ressentimento e diz ter se sentido ludibriada. Seus questionamentos diante dos fatos analisados permaneceram sem respostas, sobretudo diante de sua competência reconhecida por seus títulos e atestada por uma prática regular no Serviço de Ginecologia e Obstetrícia, durante nove anos.

Segundo Leda Caporali⁶⁴, tal situação constituiu-se em um dos motivos para que concorresse a uma bolsa acadêmica, nos Estados Unidos, deixando o Brasil para trás. Em 1963, Iracema registrou: “Fiquei feliz em representar o Brasil e a UFMG no exterior”⁶⁵. Como bolsista, permaneceu três anos na Universidade de Chicago, importante centro de referência nos Estados Unidos e no mundo.

Aposentou-se da UFMG em 1971, como professora adjunta, e permaneceu naquele país exercendo atividades profissionais no campo acadêmico. Retornaria ao Brasil somente em 1976, a convite do reitor José Carlos de Almeida Azevedo, da Universidade de Brasília, para reorganizar o Serviço de Ginecologia e Obstetrícia daquela instituição⁶⁶.

Retornando a Belo Horizonte, a Dra. Iracema Mathilde Baccarini permaneceu com atividades acadêmicas, participando, inclusive, da criação da Academia Mineira de Medicina, tomando posse da cadeira no 48, dr. Eurico de Azevedo Villela, em 1988.

A Dra Baccarini faleceu em 2010, aos 93 anos de idade, após um longo período de internação, quando teve oportunidade de, apesar de seu sofrimento, vivenciar um atendimento dedicado ministrado por ex-alunos que assim lhe prestavam uma homenagem.

O caminho aberto por Iracema Mathilde Baccarini iniciou um ciclo de contratação de mulheres como professoras na Faculdade de Medicina, ainda na década de 1960.

⁶² Ata da 7ª sessão da congregação da Faculdade de Medicina, aos 27 dias do mês de março de 1958.

⁶³ Registro dos professores do DP da UFMG, em 30 de setembro de 1960.

⁶⁴ A turma de 1959. Op cit p. 283.

⁶⁵ Baccarini, Iracema Mathilde. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Belo Horizonte, M.G., 2002.

⁶⁶ Boletim da UFMG, nº 1374/2002.

Tabela IV
**MULHERES CONTRATADAS COMO PROFESSORAS DA FACULDADE DE MEDICINA,
 PERÍODO DE 1960- 1969.**

Período	Contratadas
1911-1935	0
1935-1950	0
1950-1959	0
1960-1969	09

Fonte: DP-UFMG, 2010.

Como se observa na tabela IV, todas as nove contratações de mulheres ocorridas até o final do ano de 1969 efetivaram-se nesta última década do período, em que as mudanças socioeconômicas e culturais, próprias da era do desenvolvimentismo, tornaram irreversível o processo da entrada das mulheres nas profissões e no mercado de trabalho, até então reservados aos homens. Como veremos a seguir, na década subsequente, a dos anos 70, o número de contratações de médicas professoras cresceu de maneira significativa.

PANORAMA DO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XX:

As docentes

O ingresso de mulheres na docência médica na UFMG ficaria mais evidente a partir da década de 1970, seguindo a tendência nacional, corroborando a pesquisa de Maria Helena Machado⁶⁷.

Na verdade, a ampliação dos quadros docentes universitários, de ambos os sexos, ocorrerá não apenas na área de saúde, mas em várias outras por todo o país, por motivos diversos.

Inicialmente, tratava-se do momento de esgotamento de um ciclo de geração docente associado à mudança curricular decorrente da reforma universitária da década. Neste caso, a extinção das cátedras e a nova estrutura departamental de um lado precipitaram algumas aposentadorias e de outro deram espaço a uma nova geração de professores.

Além disso, este movimento foi associado ao aumento de número de vagas do vestibular na Faculdade de Medicina, que de 160 alunos (1969/70) cresceu para 320 nos anos 1970. Tal fato se explica pela pressão social criada pela intensificação dos padrões urbanos, particularmente em Belo Horizonte, e com relação aos setores médios, como descrito anteriormente.

A tabela V registra a participação das mulheres nas diferentes décadas do período.

⁶⁷ Machado Maria Helena, coord. Os médicos no Brasil. Um retrato da realidade. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. (Cap. 5. As médicas no Brasil).

Tabela V
**MULHERES CONTRATADAS COMO PROFESSORAS DA FACULDADE DE MEDICINA,
 PERÍODO DE 1970- 2010.**

Período	Contratadas
1970-1979	67
1980-1989	29
1990- 1999	51
2000-2010	41
Total geral	197

Fonte: DP-UFGM, 2010.

Às 67 contratações do sexo feminino contrapõe-se a entrada de 177 professores do sexo masculino, no mesmo período, o que aponta uma proporção, aproximada, de três homens para uma mulher no quadro de docentes médicos.

Em 2010, o quadro docente feminino apresenta-se integrado por 137 mulheres, enquanto o masculino é de 407 homens. Ainda que os números absolutos tenham apresentado crescimento considerável, para os dois gêneros, na verdade a proporção permanece equilibrada em relação ao panorama de quatro décadas antes.

A análise da distribuição de ambos os sexos, por categoria da carreira docente, revela aspectos interessantes a serem explorados. Observa-se que na posição de titular, categoria mais elevada da carreira, a maioria dos homens é esmagadora. Até 2010, apenas três mulheres obtiveram este grau institucional. Em contraposição, existe o registro de 60 titulares homens ao longo do mesmo período examinado.

Por outro lado, como professores associados, no segundo nível da hierarquia dos doutores, os homens são maioria, mas as mulheres ultrapassaram — neste caso, em muito — a relação média para o período analisado. Finalmente, no que diz respeito aos professores adjuntos e assistentes, evidencia-se, mais uma vez o predomínio masculino.

Os dados do Departamento de Pessoal da UFGM apresentam inicialmente uma forma de contratação vinculada genericamente à Faculdade de Medicina. Após 1976, ainda que se registrem alguns poucos casos de docentes contratados desta forma, evidencia-se, predominantemente, um novo modelo vinculado à demanda específica de cada departamento.

Tais registros também sugerem uma investigação mais profunda, uma vez que a lotação dos docentes demonstra que as mulheres se agrupam de maneira significativa nas áreas da Pediatria, na Medicina preventiva e na Ginecologia-obstetrícia, em consonância com a expectativa social em relação aos papéis femininos de mãe e cuidadora. Os homens, por sua vez, concentram-se na Clínica Médica, na Cirurgia, na Oftalmologia e na Otorrinolaringologia.⁶⁸

Nesta análise é importante observar que até o ano de 2010 nenhuma mulher ocupou o cargo de diretora da Faculdade de Medicina. A pesquisa de campo realizada com docentes daquela unidade de ensino é reveladora da compreensão destas profissionais sobre o problema⁶⁹.

⁶⁸ Base de dados da DP UFGM, 2010.

⁶⁹ As pesquisas de campo realizadas com professoras ativas indicaram sua preferência pelo anonimato.

À pergunta “Desejou ou desejaria ser diretora da Faculdade de Medicina?”, registra-se a resposta: “Não desejei, mas já fui cogitada para me candidatar [...] Por ser um encargo muito pesado e uma tarefa de grande responsabilidade, não me considero com perfil adequado para tal e, mesmo se me candidatasse, acho que seria muito difícil competir com os candidatos homens...” (Entrevista, A.M.A.L. em 2010)

Inicialmente a impressão é de que as mulheres já se sentiam derrotadas numericamente, ou como se os interesses que estão em jogo constituam-se em obstáculos intransponíveis ao simples entendimento da disputa do poder.

Tal situação reproduz-se no todo social, pois, apesar de as experiências se diversificarem, são ainda numericamente insignificantes diante do poder detido majoritariamente pelos colegas homens, nas diversas instituições integradas por médicos.

Ainda que se registre que Cláudia Navarro C. de Lemos tenha se destacado como presidente da Associação de Ginecologia e Obstetrícia, Gestão 2003-2005, neste século de luta da mulher pelo seu espaço na cena pública, em Minas Gerais, nunca se registrou sua presença como presidente ou diretora do Conselho de Medicina, do Sindicato dos Médicos ou das Academias da área.

Neste campo, que interessa particularmente a este estudo, no espaço da docência, a área dita administrativa também foi preterida às outras, perdendo inclusive para a extensão. Na pesquisa já citada, ficou muito claro pelas respostas das professoras que o espaço em que mais gostavam de atuar certamente era o da docência: sala de aula, orientação na pós-graduação e pesquisa. Algumas manifestavam interesse pela extensão, mas a maioria afirmava de forma inequívoca sua aversão pelo trabalho administrativo.

Boa parte das entrevistadas subestima a participação nesta área e considera a posição de titular como o ápice da docência universitária, vinculando-o, naturalmente, à produção científica. Tal concepção, na verdade, ignora os meandros políticos da prática administrativa e seus reflexos na estrutura de poder. Outras, mais atentas a esta questão, dizem não desejarem se submeter às bancas para a vaga de Professor Titular, ponderando “não valer a pena o desgaste que se vivencia nesses concursos”⁷⁰.

Estes aspectos, da desigualdade na ocupação dos espaços de poder, refletem em parte o aparente desinteresse dessas mulheres pelo que se considera “área administrativa”, mas mascaram sua resistência a vivenciar situações de competição muito acirrada.

Todas se consideram felizes na docência, apesar de avaliarem que não há o retorno financeiro esperado, pois na medicina, a prática como profissional liberal por vezes é consideravelmente mais lucrativa. Tendo em conta, porém, a situação do mercado, o emprego garantido e o *status* de professor universitário apresentam-se vantajosos.

A realização na profissão é entendida como um certo “bem-estar” ou uma “boa sensação” em formar novos médicos, permitindo-lhes também uma atualização permanente. È um ato criativo que sempre se renova. Nenhuma considerou o retorno financeiro mais importante que a satisfação que essa atividade lhe tem proporcionado.

⁷⁰ Profa Dra M.F. H. S. fala que quer estudar muito, e seguir com a vida que tem, mas não quer passar por um novo concurso.

É relevante que as respostas relativas à vida privada e sua articulação com o espaço público foram surpreendentes. Ou seja, a chamada dupla jornada parece não existir para elas, uma vez que o trabalho de docente permite-lhes a regulação do tempo exigido pelas tarefas domésticas de forma harmoniosa, o que não aconteceria, por exemplo, com as funções administrativas que exigem cargas horárias extras e dedicação praticamente exclusiva.

O ofício de professoras não estaria pontuado por uma necessidade rígida de promoção na carreira visando seu ápice, e sim traduziria o simples emprego. Assim, o trabalho se desenvolveria sem grandes atritos, inclusive com os maridos, os filhos e, sobretudo, com os colegas de profissão.

Para o exercício profissional, as docentes devem comprar os serviços domésticos, para cuidar da casa e dos filhos, pois além da carência dos equipamentos sociais de uso coletivo, também a Universidade não oferece uma infraestrutura adequada ou de suporte durante a gravidez, aleitamento, seis primeiros meses e cuidado das crianças em idade pré-escolar, materializada em serviços médicos e creches disponíveis.

A falta de consciência do direito das mulheres em idade reprodutiva (ou talvez a inexpressividade de uma demanda reprimida pelo corpo docente ou discente) não pressiona a instituição para construir espaços para serviços de apoio ou mesmo contratá-los.

É gritante a negação de questões relativas às necessidades das mulheres no espaço institucional. Na análise da infraestrutura oferecida pela Universidade para atender suas necessidades básicas são flagrantes as carências. Um exemplo disto é que só recentemente houve a reforma de banheiros públicos para as mulheres, adequando-se minimamente ao aumento da população feminina.

Para finalizarmos esta análise das “entrelinhas”, a pesquisa aponta que as docentes, apesar de em sua maioria vivenciarem as dificuldades da condição feminina e da dupla jornada de trabalho, não chegam a estabelecer nenhum nexos desta situação com seu exercício profissional. Além disso, as análises que foram feitas sobre o feminismo revelam um certo desconhecimento da importância desse movimento para a conquista do espaço público e/ou profissional da mulher moderna.

Aparecem dois tipos de depoimentos: o primeiro apresentando reservas às práticas do movimento feminista, mas apontando para a necessidade de “ter os mesmos direitos e condições de trabalho”. E o segundo colocando-se como feminista, e compreendendo este movimento como fundamental para “a emancipação” das mulheres.

Outra ideia diz respeito à “capacidade relacional com o homem, com amor, e do crescimento de ambos, nesse caminhar da construção da intimidade”.⁷¹ Neste sentido as compreendemos não mais como mulheres médicas, mas como mulheres e médicas. Duas facetas da mesma pessoa, mas cada uma guardando a devida proporção na vida que escolheram.

⁷¹ Toldy, Teresa Maria L. Transformações da intimidade de Giddens à luz de alguns conceitos fundamentais de Max Weber. Faculdade de Ciências Humanas de UFP. <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/642/1/225-241FCHS2004-9.pdf>

“Segundo este autor os homens são capazes de dependência mas não de intimidade precisamente devido às dificuldades de introduzir a igualdade nos seus relacionamentos intersubjetivos, o que resulta em grande parte da interiorização de modelos herdados, mas agora em decadência.” P. 231

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

A presença da mulher nas entrelinhas do Centenário da Faculdade de Medicina da UFMG, em linhas gerais, reproduz, guardando suas especificidades, o mesmo processo registrado não apenas no Brasil, mas em outros países do mundo ocidental.

Considerando que a instituição universitária insere-se no todo social, as mudanças socioeconômicas e políticas explicam em parte os progressos alcançados no que diz respeito à presença feminina na Universidade.

São eloquentes os registros do crescimento da participação feminina no conjunto da comunidade universitária. As mudanças sociais, particularmente relacionadas ao desenvolvimento capitalista, com a intensificação dos padrões urbanos, o adensamento dos setores médios, além da democratização do acesso à Universidade, explicam este progresso, tão eloquente, conforme demonstrado no caso das alunas, que em algumas turmas já atingiram a maioria.

No entanto, foi original e parcial o ritmo daquele crescimento, se considerarmos as diferenças de categorias, de classe de carreira e de poder da Universidade.

No caso do corpo docente, apesar do crescimento considerável do número total de mulheres, que praticamente dobrou em quatro décadas, na verdade a proporção permanece a mesma durante o mesmo período, ou seja, de mais de três homens para cada mulher.

Quanto à classe de carreira, permanece esmagadora a maioria dos homens na mais alta posição, registrando-se para o período estudado apenas três mulheres para este grau institucional, em oposição a 60 titulares do sexo masculino. E em 100 anos nenhuma mulher foi diretora da Faculdade de Medicina da UFMG.

Finalmente, a ausência da mulher nas estruturas de poder da sociedade, que se reproduzem na Universidade, explica a ausência ou pequena significância dos equipamentos sociais destinados ao atendimento das necessidades da mulher como estudante ou trabalhadora.

REFERÊNCIAS

- AS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO MÉDICO - caderno Cepia, n.4.
ATA DA 7º SESSÃO DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA, aos 27 dias do mês de março de 1958
ATA DE ADMISSÃO DE 1937.
ATA DE ADMISSÃO DO ANO DE 1933.
BACCARINI, Iracema. Reminiscências e discriminação no exercício da medicina. Impressão Segrac, Belo Horizonte, 2002.
BASE DE DADOS DA DP UFMG, 2010
BOLETIM UFMG, Nº 1374 - Ano 29 - 14.11.2002. Uma vida dedicada à medicina.

- CADERNO DE MEMÓRIAS “MUITO DE MIM PARA MEUS FILHOS”, Coleção Particular Anamaria Nunes, neta de Alzira Reis. Cópia do texto encontra-se depositada no Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da UFF
- CEGRAD. Centro de Graduação de Medicina da UFMG. Lista de Matrícula de Alunos de Todos os Períodos em 2010.
- CORREA BRENES, Anayansi. L’experience de l’accouchement sans douleur au Brésil. Société d’histoire de la naissance, Paris, 2002.
- CORREA BRENES, Anayansi. Parteiras: escola de mulheres. Belo Horizonte, Saitec editoração, 2008.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE DO BRASIL (1832-1930), disponível em www.dichihistoriasaude.coc.fiocruz.br
- DINIZ, Carlos Roberto. *Como é que a bioquímica entrou na sua vida?* Entrevista concedida a Ângelo Machado (Instituto de Ciências Biológicas, UFMG) e Roberto Barros de Carvalho (Ciência Hoje) publicada em maio de 1993 e noticiada pelo Canal Ciência (IBICT) em 17 de junho de 2010.
- KNIBIEHLER, Yvonne e FOUQUET, Catherine. *La femme et les Medecins*. Paris, Hachette, 1983. p. 193-200
- LIVRO DE ATAS DE CONCURSOS DE HABILITAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS, período de 1951 – 1971
- LIVRO DE ATAS DE EXAME DE ADMISSÃO E DO VESTIBULAR DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG, período de 1918-1950.
- LIVRO DO CINQUENTENÁRIO DA UFMG.
- MACHADO, Maria Helena (coord). *Os médicos no Brasil. Um retrato da realidade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- MAGALHÃES, Fernando. *O Centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1832-1932*, Rio de Janeiro, Typ. A. P. Barthel, 1932
- MARQUES, Rita de Cássia. Entrevista, Boletim da UFMG 16 /11/2005.
- MARTINS, Ismenia de Lima. *A Disputa das Mulheres pelo Espaço Social Masculino. Um Estudo de Caso: Doutora Alzira Reis*. ANPUH 2003.
- PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*, São Paulo, Ed. UNESP, 1998
- QUEIROS, Carlos Epifanio (coord). *Médicos da turma 1959*.
- REGISTRO DOS PROFESSORES DO DP DA UFMG, em 30 de setembro de 1960
- REZENDE, Jofre M. de. *O Machismo na história da Medicina*, in : *A Sombra do Plátamo : Crônicas da História da Medicina*, São Paulo, Ed. UNIFESP, 2009
- TOLDY, Teresa Maria L. *Transformações da intimidade de Giddens à luz de alguns conceitos fundamentais de Max Weber*. Faculdade de Ciências Humanas de UFP. Disponível em <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/642/1/225-241FCHS2004-9.pdf>

Ismênia de Lima Martins

Professora Emérita da Universidade Federal Fluminense (UFF), professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense